Biblioteca Virtualbooks

LANTERNA DE FOGO

Qorpo Santo

****

**Edição especial para distribuição gratuita pela Internet,
através da Virtualbooks.**

A VirtualBooks gostaria de receber suas críticas e sugestões sobre suas edições. Sua opinião é muito importante para o aprimoramento de nossas edições: **Vbooks02@terra.com.br** Estamos à espera do seu e-mail.

Sobre os Direitos Autorais:
Fazemos o possível para certificarmo-nos de que os materiais presentes no acervo são de domínio público (70 anos após a morte do autor) ou de autoria do titular. Caso contrário, só publicamos material após a obtenção de autorização dos proprietários dos direitos autorais. Se alguém suspeitar que algum material do acervo não obedeça a uma destas duas condições, pedimos: por favor, avise-nos pelo e-mail: vbooks03@terra.com.br para que possamos providenciar a regularização ou a retirada imediata do material do site.

www.virtualbooks.com.br

Copyright© 2000/2003 Virtualbooks
Virtual Books Online M&M Editores Ltda.
Rua Benedito Valadares, 429 – centro
35660-000 Pará de Minas - MG
Todos os direitos reservados. All rights reserved.

****

LANTERNA DE FOGO

comédia em 3 atos e dois quadros

PERSONAGENS

Robespier
Zeferino
Um velho
Simplício, criado
Jesuína
Gonçala
Duas mulheres
Um cavaleiro
Um velho (o mesmo Robespierre)
Uma mulher
Outra mulher
Uma velha muito velha
Outros homens
Uma mulher
Uma menina
Visconde (o mesmo Robespier)
Estanislau, filho do Visconde

ATO PRIMEIRO

Cena Primeira

ROBESPIER - *(muito aflito)* Ando há mais de três dias em busca de uma cousa que tanto me agrada, que tanto me flagela! E o que há de ser? Um presente que me fez meu Pai quinze dias antes de morrer! E que objeto, cousa, ou pessoa me deu ele! Uma lanterna a que chamava de fogo; mas que eu nunca vi lançar chamas, fumos, e iluminar. E que falta me faz tão insignificante objeto, sem que entretanto eu dele me haja servido!? Parece incrÍvel: sinto a cabeça escandescida, o estômago apertado, certa dor de ilhargas, e atÉ... Não direi o mais! Entretanto é preciso procurá-la com paciência e perseverança até que ela apareça!

ZEFERINO - *(entrando)* Cruzes! que diabo tens tu, que sempre estás a

cismar? Ora pensas que o diabo te há de vir importunar à meia-noite, ora sonhas que vês; que ouves; que falas com defuntos. Ora com Ministro, Bispados, Papados; e não sei que mais! Finalmente! finalmente, é um nunca acabar de sonhar! Não parece que és homem; mas sim um sonho! Louvado seja Deus, é esta a quadragésima visita que te faço; e sempre te encontro a sonhar!

ROBESPIER - E você é um imprudente! Vê-me aqui com os mais importantes trabalhos de espírito, e ainda me vem interromper com as suas inauditas observações! Deixe-me, seu diabo coxo! Vá s'embora; vá para o inferno juntar-se aos seus companheiros! Vá, vá! *(Empurrando-o.)*

ZEFERINO - Ah! não quer a minha visita! Pois há de ter daqui a pouco a do meu Pai, o demônio mais velho, impertinente e feroz, que habita os infernos! *(Sai.)*
(Entra um *velho de figura a mais esquisita que se pode imaginar.)*

O VELHO - Ora viva! Viva! Como está!? Como vai; como estão os seus filhinhos; a sua mulher; os seus netinhos!? Hem? Hem? *(Encosta-se a Robespier e quase cai.)* Ai! triste de quem é velho; acontece sempre assim... Quando vê alguma moça bonita que o esperte, anda caindo aos pedaços, ora para aqui, ora para ali!... *(Assim fica caído, como um bêbado, por alguns minutos.)*

ROBESPIER - Estará louco, bêbado, que terá!? *(Quer levantá-lo e não pode; dá-lhe* com *um pé.)* Está morto! E está! Eu com o demônio mais velho morto em casa, e sem me poder dele ver livre! Que fazer?! E inda isto não é cousa alguma; se me quiserem criminar, julgando que eu o matei; isso é que seria pior! Enfim, procurarei safar-me desta peça e de suas conseqüências! Estudarei; pensarei; meditarei; procederei... e bom resultado terei. *(Passeia.)*

Cena Segunda

(Ouve-se uma grande trovoada)

ROBESPIER - Não querem os homens crer nesta verdade eterna, e é... que Deus criou o homem livre para ser feliz. E à sua Imagem para ser orgulhoso, ou altivo. Assim é que por essa causa tantos males se lamentam sobre a Terra. Ontem vimos praticar um furto; um roubo; um assassinato físico, ou moral, por causa de uma calúnia, por inveja das Mercês que Deus fez a este ou àquele nosso semelhante. Anteontem, observamos o levantamento de exércitos, pelas Autoridades... para combater e debelar aqueles que praticaram as maiores atrocidades para com seus semelhantes.

Por idênticos fatos - vemos por toda a parte... desgraças de todos os quilates. Hoje está Deus punindo os autores de iguais ações; lembrando-lhes que existe; ou vela sobre os ausentes; destruindo, aterrando os maus - com as tempestades, com os raios, com os coriscos; e com os trovões. Não têm bastado para corrigi-los - as pestes; as enfermidades; a fome; a sede, e tantos outros males, para que emendem ou corrijam de seus erros! Não basta o fogo e o ferro - por eles mesmos inventados para destruírem-se uns aos outros; e assim ficar vingada a justiça divina ou Deus! É ainda preciso que Este, do alto da sua Majestade - envie ao homem o fogo celeste para completamente humilhá-lo, ou aniquilá-lo, confundi-lo, ou destruí-lo. Céus! Quando terão os vossos entes o necessário juízo, a conveniente retidão em suas ações! Quando cumprirão fielmente seus deveres para convosco, e para com seus semelhantes!

Cena Terceira

SIMPLÍCIO - *(entrando)* Que diabo de zangas estou eu sempre a ter! Hoje fui ao mercado fazer as compras do necessário para o dia; o que havia de achar para comprar! Galinhas mortas, frangos vivos, gatos e ratos! *(Atira com todas estas cousas sobre o assoalho, as quais trazia dentro de um saco que vinha às costas; saltam ratos, gatos, galinhas e frangos por todo* o *cenário.)*

ROBESPIER - Oh! o meu criado Simplício hoje brilhou! Traz aves e caças para mais de oito dias! O pior porém é que estes pequenos animaizinhos e avezinhas têm pernas! Correm com tal rapidez que parecem estrelas no ar ou no Céu.

ZEFERINO - *(entrando)* Então já estamos aliviados, Sr. de Robespier!? Tem a casa cheia - de gatos, macacos e sapos. Agora deve estar muito satisfeito, não é assim? Pois estimo muito. Fique sabendo que eu não sou mais seu amigo; que estou de fel e vinagre, sal e pimenta e azeite; e óleo de mamono para com o Sr., porque me consta haver falado mal de minha velha, em presença de certa dama a quem o Sr. costuma cortejar com muita atenção.

ROBESPIER - Não sei o que me pareces! O melhor, em vez de fazer essas caretas todas para comigo e de que eu tão pouco gosto, é que estivesses - de doces e de vinhos os mais finos, pois sempre foram cousas por mim preferidas a todas as outras!

ZEFERINO - Já sei, já sei, o Sr. sempre assim foi. Mas o que é verdade é que eu não o poderia sustentar a cousas boas.

SIMPLÍCIO - Encontrei-me hoje com um diabo de um estúpido; de um cavalo; o mais ordinário que se podia imaginar. Muito desejo vê-lo enforcado! Não quer senão passar a chá da Índia. Inda se fosse o chá de São Paulo! Para ficar paulista, bem. Mas não! Quer da Índia para ficar índio! Hei de enforcá-lo com a corda mais grossa que encontrar no inferno.

ROBESPIER - Tu não sabes que nem todos podem ter o estômago de cavalo que tu tens; ou o de boi aqui de meu amigo Zeferino!? Diabo! toma juízo. Ao contrário, nunca chegarás ao Paraíso.

SIMPLÍCIO - Ah! o Sr. ainda me fala em Paraíso. Há de ir para o inferno, tão direitinho como se fora um ratinho.

ZEFERINO - Este Simplício toda a sua vida foi profeta! Ordinariamente, e por felicidade nossa, nunca suas profecias se realizam. Contudo, eu nunca gostei de ouvi-las! Sempre me causam certa impressão, certa dor de coração, certo amor e devoção, que realmente - fico temente. O que vale, porém, é que na opinião de muitos - os produtores, os faladores, os escritores não passam de vasilhas que se enchem de tudo o que se quer; e despejam-se quando apraz. Outros, porém, há que nos põem em dúvida, dizendo que tais entes são inspirados; uns pelo Espírito Santo; outros, por Jesus Cristo; e outros pelo próprio Deus ou Pai Eterno! Seja como for, sempre devemos ter: Dos que sofrem, - dor! aos que gozam, - amor.

ROBESPIER - Estou hoje com os diabos nas tripas! E a sofrer na alma. Estou capaz de matar a quanto demônio diante de mim encontrar! Mas como não estou disposto para isso, vou fumar um charuto, que ordinariamente me recorda os fatos censuráveis, e m'os faz censurar! Não há maior maldade, malignidade, atrevimento, audácia, perversidade e indignidade, do que querer um ente compelir o outro a praticar este ou aquele ato, que sabe que não deve ou que não pode praticá-lo, já porque ofende e prejudica aos outros homens, já porque ofende e prejudica a si próprio! E se fora só a ofensa, pouco era, mas a perda que ordinariamente trazem tais atos, é que ainda é mais digna de lamentação; e por causa desta - seus autores de maior punição. É preciso não ter caráter, nem brio, nem dignidade; dizem eles - para se fazer fortuna! E eu digo: É preciso não ter caráter, nem brio, nem dignidade, - para se procurar fortuna por modos, ou maneiras, ou atos, que nos rebaixam à vil condição de animais ferozes, ou desprezíveis. *(Toma um fósforo e acende o charuto, que até então tinha sem fogo nos dedos. Tira uma fumaça, e diz:)*

Há horas de aflição,
Em que me dás consolação!

Outras me dás de descanso,
Em que quase lanço!

Algumas de tal prazer,
Em que me é difícil conter!

Em muitas de tão aflito,.
Por certas Deusas eu grito!

E a verdade é:
Que não tenho descanso!
Se como, quero!
Se não como, desespero!

Se bebo, desejo;
Se não bebo, almejo!

Se saio, apeteço!
Se não saio, careço!

Não há trabalho,
Ou ocupação,
Que tranqüilize
O meu coração!

Não há entreter,
Nem distrair,
Que possa convir
Ao espírito meu!

Só a mulher,
Amável, formosa,
Me pode trazer
Tranqüilo viver!

Ai! quem me acode!
Isto está que não pode!

Ai! ai!...
Que aqui cai!...

(A cada dois versinhos chupa e tira uma fumaça.)

Só a mulher,

Bela, amorosa,
Me pode dar
Tranqüilo gozar!

Tudo o mais é entreter,
Neste mundo a que vim ter,
Entreter p'ra não morrer!
Ou inda que pouco viver!

(Depois que canta, senta-se numa cadeira.)

ZEFERINO - A tudo isto, Sr. Robespier, fique sabendo que eu nada entendo!

SIMPLÍCIO - Pois entendo eu, meu doutor, e muito bem, que *o* Sr. Robespier... *(Note-se que este Simplício é um esquisito amarinheirado)* não pode deixar aquela cousa de que todos gostam. *(Rindo-se.)* E quanto mais chegam à impostura chamada - Religião, mais apaixonados são do tal melão, e às vezes ainda verde - eles o vão chupando!

ROBESPIER - Esse Simplício é o homem mais inteligente que eu tenho conhecido. De tudo ele entende e a tudo responde, compreende? Mas não sabe agora o ponto a que vou atirar, não sabe sobre que vou discorrer. Fique sabendo que tendo estado, depois dos meus cânticos poéticos, sentado naquela cadeira, meditando - ocorreu-me o seguinte pensamento e lembrança do seguinte fato, acontecido em uma das mais notáveis cidades da América. Um homem assaz notável por sua ilustração, erudição, virtudes, saber e prudência, sofreu um ataque em sua pessoa e seus bens; queixou-se ao chefe de polícia, este não fez caso! Lembrou-lhe que ao passar esse princípio, nem ele, nem autoridade alguma, exceto o monarca, estariam livres de ir parar à cadeia! Palavras proferidas por um profeta, ouvidas por Deus e postas em prática pelos homens! Não se passaram oito dias sem que corresse o boato em toda a cidade de que o chefe de polícia ia preso; não para a cadeia, mas para a Caridade, e isto pelo simples fato de se ir dizer ao Presidente da Província, não que ele tentava contra a vida ou propriedade de alguém, não por se lhe levantarem calúnias ou dizerem verdades desta ordem, mas porque alguém havia convencido o Presidente da Província de que ele havia enlouquecido! Entretanto que, quando ele gritava que estava em seu perfeito juízo, os soldados que o conduziam, diziam: Não! O Sr. não atendeu quando aquele mártir se queixou das violências feitas à sua pessoa e liberdade; olhava com indiferença para ele quando ele lhe pedia a entrega dos roubos que conservava em seu poder; e tudo isto por calúnias, por falsos que lhe levantaram e que o Sr. não ignorava; portanto, vá também hoje dormir na Caridade; quer sejam justas,

quer sejam frívolas as razões ou causas que a ela o conduzem! Além disso - cumprimos ordem superior. Aprenderá assim a ser autoridade. A respeitar tanto o alheio, quanto quer que os outros homens respeitem o que é seu! Falo ou aludo aos direitos consagrados pela natureza ao homem, como um ente animado! Como um ente racional e moral! Como livre entre os de sua espécie! Como cidadão, a quem as leis civis e criminais, e principalmente as com que se organizam os Estados, 1hes conferem assim como lhes prescrevem os deveres! Assim é que: Se as simples ofensas a um indivíduo, quando por infinidade de razões, ou injustas causas, trazem numerosos males, - aqueles que praticam consideradas de suma gravidade e por requintadas maldades - quantos milhares devem trazer, e deve-se esperar que tragam, têm trazido e trazem sempre!? *(Com transporte.)* Assassinos! Malvados! Pérfidos! Infames! Traidores!'

ZEFERINO - Dizem por aqui que tu estás na Igreja, e por isso tanto sofres!? Esta Igreja, se eu pudesse *(com raiva)* todas as vezes que assim procede, a teria assolado. Quantos e quão grandes males flagelam a Humanidade pelo procedimento indigno de meia dúzia de especuladores que nada poupam para conseguir seus fins!? Quanto custa a firmar uma política de retidão e imparcialidade... pela qual se veja em todo os atos de autoridade o cunho da moralidade! É cousa quase tão difícil, como a descida de um santo dos Céus, que em presença de todos habitar a Terra.

ROBESPIER - E por que não te mudas, não vais para outra terra, se aqui não te dás bem!?

ZEFERINO - Porque fiz tenção - sobre a destruição, plantação e edificação! Já que o Povo é tão estúpido, que não destrói meia dúzia de indivíduos que têm feito, e continuarão a fazer a desgraça de milhares, de milhões de seus semelhantes!

SIMPLÍCIO - Sabem, ou querem saber de uma verdade? Não sabem; mas eu lhes digo: - vou me embora! Adeus! Adeus! Saúde, paz, gordura pelo ubre e sarna para coçar nas horas vagas! Não se lembrarão assim do velho engraçado, nem de moças bonitas! Nem mesmo *(saindo)* do velho Simplício. *(Sai.)*

ATO SEGUNDO

Cena Primeira

JESUÍNA - *(mulher viúva e com filhos)* Tenho procurado o meu namorado todo afetado, que sempre diz que me quer ver, mas que foge de me ter junto a si, e passou por aqui, hoje - quatro vezes! Talvez não demore!

Vamos entretanto apreciando estes livros, estas estampas, estes quadros que vejo por cima destas mesas; alguma cousa d'interessante neles devo encontrar, e que me distraia ao menos por alguns minutos ou segundos. Ah! *(Abrindo um livro.)* Eis aqui uma estampa que pode servir de modelo para fazer um boné, e oferecer ao mesmo Sr. em significação da alta consideração que me merece sua pessoa, caráter, e mais qualidades que o distinguem; não direi - dos brutos, porque e homem; mas das mulheres, e de entes de sua espécie! Está, está muito bonito!

ROBESPIER - *(entrando)* Viva! Viva! A Sra. D. Jesuína por aqui! Que santo a trouxe? Então não me diz!?

JESUÍNA - Não foi santo, Sr. Robespier! Foi o profundo amor; a grande simpatia; a extraordinária amizade que a V. Sa. consagro; e que já me fazem considerar como uma espécie de obrigação - o vir fazer-lhe devoção.

ROBESPIER - Já sei; já sei. A Sra. pertence ao sexo feminino, não pode deixar de ser devota! Mas que seja eu o seu santo, é que eu duvido tanto, que quase não acredito! Entretanto, devo crer que a Sra. me faz ver que não a devo esquecer, nem mesmo deixar de a esquecer!' Não é assim?

JESUÍNA - Sim, Sr.! Sim, Sr.! Mas com palavras! Com discursos... O Sr. sabe, e muito bem, qual o calor de que gosto.

ROBESPIER - E a Sra. sabe quanto a amo; quanto a estimo; quanto aprecio a sua companhia; quanto me encantam suas maneiras, e quanto me adoçam suas alegrias!

JESUÍNA - Agradecida, Sr. Robespier! Muito agradecida! Reconheço tudo isso, mas por suas palavras, jamais pelas provas!

ROBESPIER - Quisera contar-lhe os sonhos que tive à noite passada, mas não me posso deles entretanto lembrar!

São sonhos de fartar.
Tenho entretanto, Sra. Jesuína,
Esta cabeça a tinir!
E para que me não esqueça
De tudo lhe referir,
Vou lhe contar uma história!

Cena Segunda

GONÇALA - *(também namorada de Robespier)* Oh! Sra. D. Jesuína! A Sra.

aqui por esta casa, e de visita ao Sr. Robespier... Teremos ambas direito ao mesmo amigo!? A Sra. deve saber que há muito tempo tenho casamento tratado com este Sr., e que por isso mesmo a ninguém cedo os meus direitos de pretendente e amante! *(ROBESPIER retira-se para um lado, enquanto elas conversam.)*

GONÇALA - Eu poderia dizer alguma cousa, mas prefiro calar-me!

ROBESPIER - *(levantando-se de repente com uma mão na testa)* Mulheres! *(Como alucinado.)* Que fazeis aqui? Que tendes!? Que quereis nesta casa!? Quem a ela vos encaminhou!? Tenho esta cabeça em chamas, e ao ver-vos, sinto mais forte o intenso fogo que nela lavra! Fugi, fugi da minha presença! Ide! Ide aos infernos, se for necessário, buscar o preciso amparo que em mim buscais! Atroadoras! Destruidoras da Humanidade! Não me flageleis mais! Ainda esta noite tive um sonho, e que sonho? Que havia sido devorado por estas fúrias que diante de mim vejo. Bárbaras! Assassinas! Fugi, fugi de minha presença! Traído quinze vezes pela mulher, protesto afastar-me dela sempre! Sinto um fogo devorador que a elas me empurra!... Se atendo; se as busco, eis que um frio de gelo se apossa de todos os meus membros! Céus! Céus! Por que tantas vezes transtornais os meus projetos!?

JESUÍNA E GONÇALA - *(batendo as mãos e olhando uma para a outra)* Estamos bem servidas! Com este já nada fazemos!

GONÇALA - *(aproxima-se)* Quem sabe se quer um caldinho ou um chá!? Ou algum mingauzinho!?

ROBESPIER - Fugi! Fugi da minha presença, mulher!

GONÇALA - Pois bem; eu retiro-me. *(Vai saindo e convida a companheira.)*

JESUÍNA - Eu não tenho vontade de me retirar, sem vê-lo tranqüilo e feliz! Mas ele está tão brabo, tão zangado, que realmente parece que a nossa retirada assaz o pode favorecer. Iremos! *(Enfiam os braços e querem sair.)*

ROBESPIER - Sempre considerei a mulher como um ente que nos deve merecer alguma consideração! Já porque delas provém... *(Com transporte)* Mas quê! Cada uma é uma fera. Se aquela me insulta, esta me dilacera! Fugi, fugi de minha presença, fúrias! Eu as destruo. *(Corre para elas, elas saem dizendo:)*

JESUÍNA E GONÇALA -Iremos orar por vós e por vossa futura existência! *(Saem.)*

Cena Terceira

ROBESPIER - *(pensativo e passeando)* Quanto hei eu estudado - Medicina e Direito - quanto hei meditado sobre tantas outras ciências! Quanto hei lido os livros sagrados e quantos fatos extraordinários se têm dado em minha tão curta existência quanto à idade - quão longa quanto aos vários trabalhos e os numerosos fatos que nela se hão dado! É tão grande o número; sua importância tal que não é fácil encontrar-se na História, já não digo deste ou daquele país, mas na do mundo inteiro, - um homem cuja vida se assemelhe. Deus sabe o que faz! E quantas vezes predestina os homens, e até as mulheres!? De que heroicidades não é capaz muitas vezes uma criança! Altos juízos do Eterno!

(Entram duas mulheres, cobertas as faces com véus pretos.)

UMA DELAS - Senhor! Senhor! *(Caem de joelhos diante de Robespier.)* Por quem é, nos acuda! Nos proteja! Nos ampare! Somos duas desgraçadas que arrependidas de nossas culpas, vos viemos implorar perdão! Queremos a vossa compaixão, Sr., a vossa proteção! Queremos servi-vos como as mais humildes escravas!

ROBESPIER - *(com certo ar de indiferença; para um lado)* Tenho estado melhor! Tenho estado pior! Mais forte; e mais fraco! Mais triste, e mais alegre! Penso que ainda existe uma mão no céu que há tempos para mim estendeu-se! Essa mão deve ser de Deus! Ou pelo menos - de algum grande Santo! Receberei, quando necessário, o amparo celeste; e ampararei com ele estes entes terrestres! (Para as mulheres:) Mulheres, levantai-vos e dizei que quereis de mim!

ELAS - *(com muita humildade)* Senhor, queremos o vosso auxilio, o vosso amparo, a vossa proteção! Acudi-nos, senão morreremos de fome! De sede e de dor!

ROBESPIER - Sim, sou a isso obrigado pela religião e pelas leis da humanidade! E até mesmo pela lembrança de que nossos sangues em partes se confundem! Levantai-vos pois; e sentai-vos!

Cena Quarta

UM CAVALEIRO - *(de espada em punho, entrando)* Consta-me ter entrado nesta casa o meu mui prezado Amigo, o Doutor... Venho em busca dele! É o Sr. - chefe da mesma?

ROBESPIER - Sim, Sr.! Um grande escritor público e particular! Formado em quinze artes e quatorze ciências, em dezenove indústrias e trinta e oito maneiras várias de agenciar a vida: ou de evitar a morte! Queria, pois, alguma cousa!?

CAVALEIRO - Tenho a mais subida honra em cumprimentar a V. EX.a e muito mais ainda terei em cultivar as suas apreciáveis relações de amizade!

ROBESPIER - Agradeço-vos, Sr., e muito, os juízos importantes e honrosos que de mim fazeis! Mas que lucraríeis vós com a amizade de um homem, cuja vida são montões de contradições!

CAVALEIRO - É porque V. Ex.a tem lutado com muitas mulheres! Há de saber que cada uma delas - é uma máxima, um pensamento, um discurso, que muitas vezes a outro se opõe, e pois isso encontra todas essas contradições. Se, porém, tivesse por companheira uma só estrela, - certamente não encontraria contradição alguma; e senão, diga-me: Durante o tempo que tem vivido com uma só mulher - lutou com contradições? Não! Pois então conheça a razão! E ou seja fradado ou seja casado, se não quer continuar a se ver contrariar!

ROBESPIER - Fique certo que não ignoro o que me acaba de ponderar! Mas o diabo tem sido - que infinitas mulheres tenho querido, e de nenhuma hei conseguido! Agora, diga-me: O que hei de fazer!? Deixar-me correr!? Para frade.. . não tenho vontade! Para escritor... fiz-me Doutor! Finalmente, trabalharei; e jamais findarei, visto que Deus não se acaba, e que a minha vida pode ser eterna como a d'ELE! O que é verdade, Sr. Cavaleiro, é que vivemos em um mundo de ladrões! Se estes roubam dinheiro, aqueles roubam mulheres! Se aqueles roubam mulheres, estes roubam comidas! Se estes roubam comidas, outros roubam vestidos! Se tais roubam vestidos, est'outros roubam lanternas, visto que ando há mais de três anos em procura de uma de fogo, que meu Pai deixou-me pouco antes de morrer, e que até hoje me não foi possível encontrar!

CAVALEIRO - Pelo que vejo, não se acha aqui a mulher que eu procurava!

ROBESPIER - Não! Não! Estas que aqui vedes são minhas! Ambas me pertencem! Uma, porque é minha amiga; outra, porque é minha mulher.

CAVALEIRO - Pois, Sr., em vista do que me assevera, retiro-me, pedindo-lhe a maior desculpa de haver penetrado, sem prévia licença de V. Ex.a, neste santuário da inocência, honradez, e da honestidade! *(Embainhando a* espada e *saindo. À parte:)* Sempre é homem, que tem duas mulheres!

Cena Quinta

ROBESPIER - *(para as mulheres, depois de haver acompanhado* o *Cavaleiro até à porta)* Que vos parece, amigas? Apenas ganhei-vos vinha este sujeitinho talvez... quem sabe de onde, com tenção de tirar-vos! Nada! O que aqui entrar, há de se assustar! E talvez que baste o cheiro das armas para aqui não chegar! Farei desta sala uma praça d'armas! *(Entra em um quarto e dele traz: espadas, pistolas, clavinas,. lanças,* etc.; encosta *outras,* e *assim preparado* com *cartuchos,* e *o mais que* é necessário em cima das mesas. Voltando-s*e para as mulheres:)* Tu dormirás à minha esquerda! E tu à minha direita! E se alguém tentar roubar alguma de vós eis com que *(andando em volta* e *apontando para as armas, quase como um pião)* - farei saber os meus direitos! *(Fala e pioneia até cair* o *pano, que desde que* começa *deve ir* descendo *lentamente).*

ATO TERCEIRO

(ROBESPIER e os demais atores *deste drama.)*

ROBESPIER - Há dois anos que os maiores flagelos pesam sobre a humanidade, como outrora pesaram as pestes sobre aqueles que perseguiram, caluniaram, insultaram, maltrataram, espancaram, e por sua infernal malignidade crucificaram aquele que inocentemente derramava as maiores graças, os maiores benefícios sobre milhares de indivíduos (falo de Jesus Cristo), a quem, por um sentimento de gratidão, respeito e adoração, veneramos e acatamos; e festejamos com a maior pompa! E se assim é; se seríamos destruídos pelo poder de seu Pai, ou seu próprio; se de modo contrário procedêssemos, como o foram milhares de entes, pergunto: de que modo devemos tratar a seus verdadeiros discípulos, aqueles que como ele são verdadeiros fiéis ou apóstolos? Aqueles que o imitam na mansidão; na brandura; na bondade; na generosidade. Devemos apedrejá-los; ou ampará-los, protegê-los, respeitá-los e acatá-los!? No primeiro caso, continuaríamos a ver, como temos visto há dois para três anos, mortes, roubos, violências, atrocidades, crimes de todas as espécies; guerras, pestes, destruições de todos os gêneros, de todos os modos! No segundo, *o* que temos observado? O progresso incessante do gênero humano, o melhoramento nas artes e nas ciências, e em todos os ramos da indústria, e destarte a felicidade de cada um, que reunida à de todos, faz a felicidade geral, a grandeza e poder dos Estados, e por assim dizer, o endeusamento do Universo! Fora de Deus, somos miseráveis brutos. Em Deus, seus filhos, entes prediletos e felizes.

GONÇALA - Nunca o vi, Sr. Dr. Robespier, tão retórico, tão sábio, tão sublime, tão lógico sobre a religião cristã. Estou realmente espantada!

JESUÍNA - Deveras? Pois nunca o ouviu discorrer? Ele sempre foi assim - sábio profundo, talento raro, capacidade sem igual!

ROBESPIER - Senhoras, assaz me aproveitam vossos elogios! Eu os prezo muito, e guardo-os como mimo do mais subido valor. Sim, os meus sentimentos religiosos foram herdados de meu pai principalmente. Não me fiz, mas Deus e as circunstâncias da minha vida, isto é - as minhas necessidades para bem viver, as minhas nobres ambições de a tudo aprofundar, saber, e por tal modo alcançar tudo quanto pode fazer as delícias ou felicidades da vida presente, e com esta como espécie de trânsito, caminho ou estrada da vida eterna. Bem poucas vezes somos senhores de nós mesmos. Milhares queremos, e não podemos; milhares fugimos e não escapamos; milhares nos esquivamos e à força prestamos! É portanto a vida de assaz homens, espécie de mistérios que nem eles nem os outros de sua espécie podem compreender, decifrar ou resolver; mas unicamente a Providência Divina que creio vela tanto sobre nós, como o fazemos a respeito de nossos filhos ou... não direi mais porque não acharia mais acertada, nem mais bela comparação.

SIMPLÍCIO - Eu, porém, já penso de modo contrário. Entendo que somos iguais a quanto cavalo e boi há! Porque realmente quando se morre vai-se ser comido pela terra ou pelos bichos que de nossas próprias carnes se formam, e é isto mesmo o que acontece aos outros animais.

ROBESPIER - Está enganado e muito enganado, Sr. Simplício, pois eu tenho visto a imagem de numerosos entes que têm morrido, tão perfeitos tal qual eles existiram e até com suas próprias roupas ou vestes; com uma única diferença, porém, que suas carnes são iguais à mais fina e macia seda. Não posso portanto deixar de crer na imortalidade da alma e na ressurreição de nossos corpos.

SIMPLÍCIO - Pode ser que assim seja, mas eu não acredito.

ROBESPIER - Nem eu o quero forçar a acreditar nestas verdades, que para mim são infalíveis nesta vida; e mesmo direi - milagres. Entretanto, seria para mim grande prazer vê-lo convencido e persuadido delas. Seria uma conversão sem dúvida agradável a Deus, e a todo o fiel cristão.

SIMPLÍCIO - O Sr. parece que está perdendo tempo; tamanho homem, e não enxerga que todo este mundo é todo material; que provém da matéria, e que se há de converter em matéria.

ROBESPIER - Tudo isso poderá ser; não direi que é impossível, porque

nunca morri verdadeiramente! Mas é verdade que já estive morto por um quarto de hora seguramente, em cujo tempo nada senti; nem sabia que existia, nem no Céu nem na Terra. Se assim os corpos são ditos mortos, é claro que nós não somos em tal estado mais que nada! Então direi: que temos alma, senão quando vivemos!

ZEFERINO - Eu penso ora de um modo, ora de outro; há ocasião em que penso ser um ente divino; isto é - estou em uma tal correspondência com Santos, Santas, etc. - que não posso negar a existência desse espírito a que chamamos alma. Outras vezes, porém, sinto-me tão material, que pareço ou penso não passarmos de simples vidro de algum espírito desaparecido, o qual, porque se esgota evaporando-se, extinguindo-se ou subindo à atmosfera, torna-se pura matéria; e quando se quebra, pura inutilidade ou pó, terra, cinza - e nada; como se costuma dizer! E por isso que sou de opinião que cada qual deve ter a liberdade de viver do modo que mais gozar; ou que mais conveniente julga ser! Do que serviria forçarmos um ente de nossa espécie a viver de certo modo, ou a praticar certos atos, que nós os consideramos ótimos, embora a nós eles nos tornem felizes; se esses entes, praticando-os, - se consideram desgraçados!? É bom; e devemos fazer com que os gozem para se lhes aprovar; continuar, como nós, a gozá-los, mas jamais os devemos forçar a tal, se eles não os apreciarem, como nós, ou por qualquer causa os não puderem praticar! Eu nisto penso existir ou constar a verdadeira Liberdade! Foi a doutrina que aprendi de meus Pais - verdadeiros tipos, ou emblemas - de liberdade, fraternidade e humanidade!

ROBESPIER - É justamente essa a opinião minha a respeito! Já disse, e repito - que creio tanto na existência de Deus, que nos criou, nos vê, nos ouve, e até que satisfaz nossos desejos; como creio que não pode existir qualquer família animal - sem pai; vegetal, sem semente; arbórea, sem muda, ou haste de que brota e produz! Penso também que todo o homem deve ter a mais extensa liberdade para gozar, do modo que mais lhe agradar - conhecendo, e mesmo fazendo-se o experimentar todos, como também que seus gozos não tragam desgraças a alguém, que tem direito como os outros entes de gozar - e não sofrer! Tudo quanto é fora destes princípios e para mim - bárbaro, desumano e cruel. Sou também de vossa escola, Zeferino! Fui educado nos princípios da mais sã liberdade - amo a fraternidade e almejo - humanidade. O que porém é necessário para não errarmos, é sabermos fazer a discreta distinção entre o que é agradável aos outros entes de nossa espécie, e que também é a nós, sem que alguém sofra; e o que é a eles desagradável, porque lhes traz sofrimento. Feita esta distinção, nada mais fácil para sermos verdadeiramente felizes, agradando ao nosso Criador, e aos entes da nossa espécie, o que procede de modo que nos convenha, e a eles, e esquivarmo-nos de praticarmos atos, que embora

nos convenham, a eles prejudiquem e ofendam! Foi sempre esta a opinião que hei feito grassar no mundo cristão, e que considero útil a todos. E se ainda fosse necessário para provar a existência de um ente superior ao homem que tudo move, ou a quem não há quem não possa deixar de obedecer, eu diria: - Que há uma voz que há longo tempo fala a todos os atos de minha vida, ou que eu não pratico ato algum, senão conforme a vontade dessa voz, e não conforme a minha - em razão de sua Força e Poder - tão superior ao do homem, como este o é de uma formiga! Penso porém ser desnecessário, e por isso calo-me, ou nada digo.
(Deve ir descendo o pano muito *devagarzinho,* e *assim terminar o* 3.º *ato desta Comédia ou Tragédia...*

QUADRO I

ROBESPIER - *(deitado)* Que havia eu de estar pensando agora; eram tantas cousas que não me poderei lembrar de todas! Lembrava-me de minha antiga família... de, ora vejam só o que este Mundo! Desço das estrelas à Terra; subo das mulheres ao Céu; desço delas aos homens; beijo as crianças às vezes; namoro-me de tanta gente... De uns, por suas encantadoras maneiras; de outros por sua beleza; de muitos, por sua f9rmosura; de quase todos pela sua rudeza! E assim vivo qual Natureza! *(Espreguiça-se, espicha uma perna;* encolhe *outra, levanta um braço; coça a cabeça.)* Não há cousa que entristeça a esta sábia cabeça!... Fê-la Deus rica, deu-lhe infinita, inesgotável ciência; e além desta - notável paciência. É assim, cada qual é ocupado naquilo para que Deus o destina; uns para os ofícios; para a enxó; a trolha; o machado; outros, para a pena; a palavra, e mesmo a espada! Alguns, para quais pássaros, andarem sempre pelo ar, e a pousar de ramo em ramo ou de árvore em árvore; outros para trabalhos em suas próprias casas ou habitações. Mas tinha eu em lembrança que era uma belíssima comparação, que fiz, ou um interessante pensamento que concebi; ou uma notável verdade, que descobri, - sobre sementes, árvores; produções naturais e intelectuais, de que agora não tenho a precisa recordação para narrar. Poderia sim servir esta: Do mesmo modo que conserva Deus o mundo produzindo sempre novas cousas; a entes diferentes em seu rosto, em seu corpo; em seu modo de pensar e de proceder; e isto tem feito por espaço de quatro ou cinco mil anos; - do mesmo modo e com quanta facilidade (e que insignificância, comparativamente com o fato que acabo de ponderar!?) pode o mesmo Deus inspirar sempre e por muitos anos, novos pensamentos; novas obras; numerosos melhoramentos sobre tudo que existe útil, necessário, conveniente, e mesmo simplesmente agradável ao homem! Quantos sinais de sua existência vejo em todos os dias! Não há uma só noite, em que deitando-me, logo depois não apareça, aos pés desta cama, a imagem ou figura de um morto... Ora velho; ora moço; ora criança; ora feio; ora

bonito, ora com trajes ou hábitos próprios de Padre; ora de outras classes, como advertindo-me de que existe; de que dá vida; e de que mata quando quer! E não são só estes exemplos; os fatos são tantos; repetem-se tantas vezes; de tantas formas; e espécie... que duvidar é a si próprio matar! Ainda eu não fiz o que fez certo escritor francês, que escreveu duzentos livros! Mas o tenho feito talvez em milhões de mulheres; e também de homens - cousa que julgo que ele também não faria. Pois assim reparte o Senhor de todas as cousas - ciências várias por todos os entes a estas dedicados. Estava com outro pensamento; lembrança; comparação; e não sei que mais nesta imaginação *(bate na cabeça;* e *salta da cama em ceroulas; enfia um ponche que lhe* serve de *cobertura* e *diz:) Pretendo lembrar-me; depois vestirei-me.* Ah! queria lembrar-me; e estou sempre a esquecer-me!... Sim: - que aqueles que em casa escrevem, falam, procedem, e de qualquer modo vivem, - sustentáculos da religião, - necessidade não têm de ir ao Templo fazer oração. Outra cousa mais tenho notado; - e é que aqueles que assim vivem; e para tal fim a ele vão, de lá saem, - ordinariamente, adoentados! Ainda havia eu concebido um pensamento; o que havia de ser; o que sem ter na cabeça... não; sem ser chafariz... e gotejar pelo nariz. também não: sem se fazer de si - todo inesgotável, forte; de sua cabeça sempre cheia - caixa; de seus lábios - forte bica onde tem e por onde lança a mais cristalina linfa todas as vezes que quer em palavras, orações, proposições, e discursos! Ou sem ser um rio, cuja corrente, cujas ondas refrescam aos seus semelhantes; e quiçá mesmo aos outros entes animados - se mete a escrever; e a tudo querer ser! Vai mal; não vai bem! Para tal - é preciso ser um ente sem igual! Para sair-se bem; é preciso só fazer o que mais convém. *(Durante estes discursos, arruma a cama, pendura a roupa; arranja* o *quarto; abre uma janela;* e *assim até banhar-se* e *vestir-se. Batem à porta do quarto.)*

ROBESPIER - Quem bate? Quem está aí? O que quer? Espere! Bem sabe que a ninguém abro portas, antes de me preparar, como se houvesse de receber em minha casa a primeira notabilidade do mundo, bem como que, preparado, tenho-as sempre abertas, ainda mesmo para algumas - talvez bem pouco dignas de transpô-las! *(Abre a porta.)* Pode entrar quem está. *(Não aparece pessoa alguma.)* Ora, de que me havia eu de lembrar! De que os que comem pouco, por sua natureza ou constituição, ou porque assim melhor se dão - praticam mais que os outros certos atos; os que comem muito, praticam outros em muito maior quantidade que aqueles; e assim nem uns, nem outros, podem-se com razão fazer recíprocas censuras. Tive duas, ou mais visões esta noite que não achei muito agradáveis: uma delas foi uma menina, a quem há dias vi; a outra, foi não me lembro o quê, não referirei portanto; sim - pareceu-me que um ente se dilacerava, - distendendo-se... Sim, lembrei-me também de que não quis em certa época assassinar um ladrão autorizado por um juiz assassino: mas

perguntei-lhe, eu lhe disse que o não faria, porque o deviam fazer outros para examinar e reconhecer se o seu sangue era igual ao meu; ou de alguma fera; visto que éramos descendentes de uma só família; e ele tentava contra a minha existência moral. Querem alguns que os bonitos andem qual cabritos, entretanto muita gente bonita há que se entretém ou ocupa com escrita. Os que gostam do estudo, estudem; os que gostam do passeio, passeiem; os que gostam de dormir, durmam; os que gostam de comer - comam; os que gostam de mulheres - gozem-as; os que gostam de estar em casa, estejam; os que preferem andar na rua -andem, etc. E assim passarão todos a mais regalada vida! A quantos tem Deus condenado à morte - pelas suas más obras! A quantos tem dado a vida - por seus bons feitos! Assim, uns perecem; outros assim crescem! Recorremos algumas vezes a Deus; em outras ao povo, para nos livrarmos das garras das feras: em um e outro recurso sempre... ou quase sempre - somos atendidos! Ah! de que me havia de lembrar mais hoje: de que hei de ver se posso comprar um livro em que estude Astronomia, com cujo estudo, completo a Geografia. Foram lembranças da noite, e vão sendo também do dia. Ah! esquecia-me narrar um fato... o que havia de ser!? Que me quis certa menina entreter, e que me puz nela a ler - certo amigo... É notável que as massas sejam cousas mais nojentas que as carnes, e é sem dúvida por isso que certo médico considerava estas, como mais saudáveis... Os doces, muitas vezes parecem puros venenos! Os mingaus parecem mais entes mortos, que comidas! Enfim, parece uma necessidade indeclinável a companhia de outras pessoas para comer-se melhor, sem que as comidas nos incomodem, ou não prejudiquem. Ou então, seremos obrigados a nós mesmos as prepararmos! Ainda os muitos venenos - me não põe menos. *(Muito zangado.)* Valha-nos Deus, com estes judeus! *(Batem à porta.)* Quem é?

UMA MULHER - O Sr. Dr. está em casa?

ROBESPIER - O que quer!?

A MESMA MULHER - Venho chamá-lo para ver um doente!

ROBESPIER - Onde?

A MULHER - Em casa do Sr. Furtado, Rua da Ponte, n.º 11.

ROBESPIER - Por lá irei.

(Bate outra pessoa à porta.)

ROBESPIER - Quem mais baterá; e o que quererá cá?

OUTRA MULHER - Desejo falar-lhe.

ROBESPIER - Entre, sente-se, e diga o que quer.

ELA - Venho queixar-me a V. S.ª, porque sei que é advogado, de um furto que me fizeram ontem em casa.

ROBESPIER - Pois diga o que quer.

ELA - Quero queixar-me à autoridade competente, que um soldado de polícia foi a minha casa, e roubou-me uma filha!

ROBESPIER - Isso é escusado. Porque, se o soldado roubou-lhe a filha, o chefe, o capitão ou algum outro superior a ele, roubar-lhe-á o filho, que sem dúvida lhe fará mais falta; e também a ti própria, se o diabo lhe rebelar os miolos.

ELA - Então é escusado queixar-me!?

ROBESPIER - Escusado? Perigoso! Perigosíssimo! O menos que talvez lhe faça, é metê-la na cadeia. Principalmente se tiveres alguma outra no caso de ser por alguns deles desflorada.

ELA - *(levantando-se muito incomodada e endireitando a mantilha)* Só faltava levantarem-me fogueiras, para se instalar um novo tribunal do Santo Ofício, e queimarem-se vivos - todos aqueles que não se escravizassem a seus desejos, quer bons, quer maus!... Pois Sr., eu me retiro; mas juro à fé de um Deus! - que hei de deitar por terra todos aqueles que assim procederem. *(Sai.)*

(Batem de novo à porta.)

ROBESPIER - Quem bate!? Já é a terceira vez que batem!

UMA VELHA MUITO VELHA - Venho lhe pedir uma esmola - sim, uma esmola pelo amor de Deus, pelas cinco chagas de Cristo, pelas almas dos seus parentes mais chegados, e por tudo quanto é sagrado!

ROBESPIER - Mas diga o que quer! Eu não a entendo, nem cousa alguma posso fazer antes de a entender!

ELA - Ora, Sr. Dr.! Eu tenho uma dor neste meu coração!... Tão grande aflição em minha alma, que por mais que esfregasse o cheiroso coentro -

nada me pode aliviar, e assim vivo sempre a penar.

ROBESPIER - *(rindo-se)* Já sei, já sei - quer que eu a cure!

ELA - Não. não é isso o que eu quero! Não é para essa enfermidade, para esse mal, que o venho procurar! E mesmo porque estudei Medicina, e sou médica. Mas para as causas ou origens desses males.

ROBESPIER - *(com alguma impaciência)* Pois então o que quer? E se se demorar, se não falar, a farei mulher.

ELA - Venho pedir-lhe para logo que saia à rua, como sei que é... chegado à santidade, que se corresponde com o Santo Padre, e talvez muitos outros santos - para chegar a minha casa, e benzer minha filha mais velha, de nome Chapedau, que se acha atacada de febre amarela, tifóide, e não sei que mais!

ROBESPIER - Essa é boa! Se a Sra. me pedisse receita e alguns remédios, estávamos bem, mas lumédios... é cousa a que eu não estou acostumado! Não descreio que possam ser úteis; mas não costumo curar a alguém desse modo, mesmo porque estudei outro sistema em uma das Academias de Santa Cruz.

ELA - Então o Sr. é Santa Cruz!?

ROBESPIER - Não, a Sra. não me entendeu: No Império de Santa Cruz!

ELA - Seja como for, eu o que quero - é a minha filha salva; e o Sr. pode salvá-la; mais com a santidade do seu espírito, que com os seus remédios de botica, que há muito ela não toma, porque não pode!

ROBESPIER - Bem, Sra.; lá irei; e não me descuidarei de tudo fazer - para o mal combater - de sua filha!

ELA - *(com numerosos cumprimentos)* Sim, Sr. Sim, Sr., muito obrigada! Lá o vou esperar! Passe muito bem! Muito, Sr. Dr. *(Dando sempre com a cabeça para diante* e *para trás, vai saindo.)*

ROBESPIER - *(cuspindo)* Com efeito! Até do meu estômago saem pensamentos! Mas que mulheres esquisitas! Formaram-me hoje em três ciências! De modo que, quer eu quisesse, quer não, teria de ser Doutor! A primeira formou-me em Medicina! A segunda, em Direito! E a terceira sobre as cousas Divinas! Outras me hão feito, ou me fizeram poeta, astrólogo, filósofo, retórico, e não sei que mais! Enfim, enfim, quase se pode dizer -

que elas são ciências; e os homens Academias! *(Sai depois delas alguns minutos.)*

QUADRO II

UM VELHO - *(o mesmo Robespier com tal figura, entrando, com um ombro um tanto encolhido)* Ai! pareço um velho, de quase cem anos! Dói-me tanto este ombro; sinto tanta dor nesta perna!... É preciso deixar esta vida insana de milhares de paixões arrastado!... Que seja outro condenado a arrostar duros grilhões, cujos elos sejam almas e corações! Já estou velho; já não posso confortar a qualquer osso! Já estou doente, já não posso nem mover o meu pescoço!
Vamos entretanto continuar a de escritor, até acabar este quadro ou esquadro da minha célebre comédia! *(Pega na pena, e abre um livro.)* Ui! que diabo tem a barriga? Será figa, ou ferida!? Sinto-a toda a mexer, e dentro a se revolver... Que diabo! Estou assustado! Querem ver que é filho! Mas eu não comi milho! Apenas provei feijão... Como diabo... Ai! só se foi do leitão! *(Largando a pena, depois de ter escrito algumas linhas, gritando e correndo pela sala toda:)* Estou pobre! Estou pobre! Quem me cobre!? Quem me acode! Aqui do Rei! Já não sou Rei! Ai! ai! Estou doente; sou padecente! *(Cai como desmaiado; ronca.)*

(Entram diversos.)

UM - Que desgraça sucederia ao nosso Lente!?

OUTRO Qual desgraça! Tu não o conheces! Isto é chalaça!

O 1.º - Qual chalaça! O homem está morto!

O 2.º - Pois eu te afirmo que é cachaça!

O 1.º - És muito tolo, ou muito mau!

O 2.º - Qual tolo, seu cara de pau!

(Entra uma mulher.)

ESTA - Que é isto, Srs.! Mataram a este pobre homem?!

O 1.º - Qual matamos! Queremos ver se o salvamos!

A MULHER - Não está mau o modo de salvar! Deram-lhe com algum pau até o matar!

O 2.º - A Sra. é bem néscia! Pertence-lhe este cadáver?

ELA - E o Sr. o que tem com isso?! Pertence sim! É meu, porque o quis enquanto viveu!

O 1.º - Ah! isso então é outro caso! A Sra. quando os não pode atrair vivos, conquista-os depois de mortos!

(Entra outra de menor idade, ainda menina.)

MENINA - *(para a mulher)* Titia... Vovó!... *(Puxa-lhe os vestidos com alguma ansiedade.)* Titia! Vovó, olha!

A MULHER - *(voltando-se para esta)* Estás hoje muito incomodativa, muito importuna! O que é que tu queres!?

A MENINA - Venho lhe chamar para ver uma cousa bonita! *(Batendo um punho na outra mão.)* Muito bonitinha, Mamãezinha!

A MULHER - *(rindo-se)* Sou Avó, sou Tia e também sou Mamãezinha! Está bem! Corre lá dentro, vai buscar um vidro de espírito de lima, para dar a cheirar a este homem que caiu aqui com uma síncope!

MENINA - *(olha espantada e diz:)* Coitado! *(Sai correndo, voltando logo depois com um vidro na mão. Para a mulher:)* Aqui está, Mamãe! Cheira que dá gosto!

A MULHER - Os cheiros, minha filha, não dão gosto, mas agradam, ou dão prazer, pelo olfato. *(Destampa-o e chega-o às ventas do velho.)* Quem diria que o Sr. Ricardo havia de estar a esta hora quase morto!

O VELHO - *(vai cheirando, gostando, despertando, se levantando. Depois de estar em pé, e com uma mão nas cadeiras)* Ai! que dor d'ilhargas eu sinto aqui! *(Manquejando.)* Acho-me tão doente! Estou a tinir. *(Encaminhando-se para a mesa.)*

A MULHER - Ainda quererá escrever mais!? Ainda não se satisfaria de tantas comédias, romances e tragédias!?

MENINA - Titia! Titia! Ele ainda quer poesia. Acha que é pouco chamarem-no de maluco - por tanto haver ensinado, ora lendo, ora falando, ora escritando. *(Riem-se todos.)*

OS INDIVÍDUOS - Olhem a minina como é inteligente! Como é sabida! Instruída! Que dom natural! Que rara natureza! Que agradável singeleza! Que beleza! As mais tocantes, que sempre observei em uma menina desta idade!

(Entra de repente um filho do Visconde que há longos anos estava ausente; e ao ver o Visconde atira-se nos braços dele.)

FILHO - Meu querido Pai! *(Chorando.)* Quantos anos de ausência nos hão separado! Quantos males me hão flagelado! Por quantos desgostos hei passado! Quantos martírios! Quantas tiranias dolorosas em minha vida! Quantas saudades hão ralado e quase destruído este já quase velho coração! Esta alma que constantemente ardia no mais intenso e vivo fogo da cruel saudade por vós, e pelas pessoas que nos são mais caras.

VISCONDE - *(quase tonto)* Sim. *(Querendo abraçá-lo e sem encontrá-lo, depois que o filho se lhe desprende dos braços.)* Sois vós o meu... Ah! eu queria ver-vos, mas não posso... meu filho! *(Cai morto.)*

(Todos correm para acudi-lo, trazem remé*dios, expressam a maior dor, o filho reconhece que ele já não vive, profere as seguintes palavras.)*

FILHO - *(soluçando e com o lenço nos olhos)* Quanto é cruel! Quanto tem sido cruel o destino para comigo! Em milhares de combates hei visto passar diante de mim, qual Anjo de fogo para devorar-me - a cruel morte! Como político, outras tantas vezes a ela tenho escapado, como milagrosamente os grandes santos às perseguições e crueldades dos judeus e dos tiranos. Mas não bastavam a infinidade de desgraças, que me têm secado as carnes e consumido o espírito! Era necessário terminar também os meus estudos na carreira da vida - presenciando a mais dolorosa cena. *(Apontando para* o *Pai.)* Oxalá, ó entes que me ouvis -humanos e divinos - que jamais quando julgardes encontrar um momento de prazer e de repouso, encontreis como eu motivos que vos apunhalem de terror e de desgostos.

(Todos os circunstantes expressam a mais viva dor, ouvindo as lamentações do filho do Visconde, a quem podemos chamar Estanislau, formado, deputado, e oficial da Guarda Nacional em campanha.)

Deve ir descendo pouco a pouco o pano, depois de proferidas as últimas palavras do filho do Visconde.
E assim termina: Aparece Robespier, e olhando para a mulher que se acha na sala, grita:

- Eis a lanterna de fogo, que em testamento legou-me meu Pai, e que eu há

mais de três anos procuro! A viva luz de teus olhos me exprimem, os raios de teu semblante não me enganam! O reflexo de teu todo me convence! *(Com força:)* É ela; é ela! *(Atira-se em seus braços, e assim termina a comédia.)*

Depois que se atira, passados dois ou três minutos, vai descendo o pano mui devagarinho.

Fim do Quadro e da Comédia

Porto Alegre, Junho 10 de 1866.

* * * * * * * * *